

# OS EGRESSOS DO CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA E O MERCADO DE TRABALHO<sup>1</sup>

Victória de Paula Severino<sup>2</sup>

## Resumo

A área de Relações Internacionais tem recebido cada vez mais atenção no contexto global, resultante de uma série de transformações ligadas aos meios de comunicação, questões ambientais, conflitos regionais e o surgimento de novas potências mundiais. Nesse contexto, em 2009, o curso de Graduação em Relações Internacionais da Universidade Federal de Uberlândia passou a ser ofertado, com, entre outros, o objetivo de preparar profissionais capacitados para atuarem de forma competente e ética no campo das relações internacionais. No entanto, a transição dos egressos do curso de Relações Internacionais para o mercado de trabalho pode apresentar desafios significativos. Compreender o perfil desses egressos e identificar os principais obstáculos que enfrentam ao ingressar no mercado de trabalho torna-se fundamental para o aprimoramento da formação acadêmica e a busca de soluções efetivas. Diante desse contexto, o presente Trabalho de Conclusão de Curso apresenta uma investigação acerca do perfil do egresso do curso de Relações Internacionais da UFU, bem como dos principais desafios enfrentados por esses profissionais ao buscar inserção no mercado de trabalho.

Palavras-chave: Bacharelado em Relações Internacionais; Mercado de Trabalho; Pesquisa com Egressos.

## Abstract

The field of International Relations has increasingly garnered global attention due to a series of transformations related to communication media, environmental issues, regional conflicts, and the emergence of new world powers. In this context, in 2009, the Bachelor's degree in International Relations at the Federal University of Uberlândia was introduced, with the aim of, among other goals, preparing professionals to act competently and ethically in the field of international relations. However, the transition of graduates from the International Relations program to the job market may present significant challenges. Understanding the profile of these graduates and identifying the main obstacles they face when entering the job market is crucial for enhancing academic training and seeking effective solutions. In light of this, this Final Project presents an investigation into the profile of graduates from the International Relations program at UFU, as well as the main challenges faced by these professionals when seeking to enter the job market.

Keywords: Bachelor's Degree in International Relations; Job Market; Alumni Survey.

<sup>1</sup> Artigo científico apresentado ao Instituto de Economia e Relações Internacionais da Universidade Federal de Uberlândia como Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção do grau de Bacharel em Relações Internacionais pela Universidade Federal de Uberlândia, sob orientação do Prof. Dr. Marcelo Sartorio Loral.

<sup>2</sup> Graduanda em Relações Internacionais na Universidade Federal de Uberlândia

## 1. INTRODUÇÃO

A crescente complexidade das relações globais tem impactado diretamente a formação e a atuação dos profissionais em Relações Internacionais no Brasil. Com o avanço da globalização, a intensificação das interdependências políticas e econômicas, e a emergência de novos atores no cenário internacional, o campo das Relações Internacionais ganhou protagonismo e, conseqüentemente, passou a integrar de forma mais visível a estrutura acadêmica brasileira. A expansão dos cursos de graduação na área evidencia esse processo, mas também levanta questões importantes sobre a inserção desses profissionais no mercado de trabalho, especialmente em contextos distantes dos grandes centros do país.

A Universidade Federal de Uberlândia (UFU), ao implantar seu curso de Relações Internacionais em 2009, inseriu-se nesse movimento de institucionalização do campo no Brasil. Desde então, o curso passou por reformulações, avaliações internas e alterações curriculares com o objetivo de aprimorar a formação oferecida. No entanto, mesmo após mais de uma década de funcionamento, ainda são escassos os estudos que investigam, de forma sistemática, os caminhos profissionais trilhados por seus egressos. Isso dificulta a compreensão sobre a efetividade do curso em preparar profissionais aptos a atuar nas diferentes esferas da realidade internacional e nacional.

Esse trabalho parte da constatação de que compreender o percurso profissional dos egressos é fundamental não apenas para a avaliação da qualidade da formação acadêmica, mas também para a construção de estratégias que fortaleçam a articulação entre universidade e mercado de trabalho. Nesse sentido, busca-se investigar de que forma os diplomados do curso de Relações Internacionais da UFU têm se inserido profissionalmente, em quais setores têm atuado, quais desafios enfrentam e de que maneira percebem a utilidade prática da formação recebida. Essa análise se torna ainda mais relevante diante das desigualdades regionais que caracterizam o Brasil, das transformações nas formas de trabalho impulsionadas pela pandemia de COVID-19 e da crescente valorização da experiência prática nos processos seletivos.

A pesquisa realizada parte do entendimento de que a formação em Relações Internacionais, ao mesmo tempo em que é ampla e crítica, enfrenta dificuldades na aplicação de seus conhecimentos para contextos de atuação específicos, sobretudo em mercados que ainda desconhecem ou desvalorizam o papel do profissional internacionalista. Essa realidade impõe obstáculos importantes aos egressos, que muitas vezes precisam complementar sua formação com cursos técnicos, experiências extracurriculares ou mudanças de trajetória para alcançar maior estabilidade e reconhecimento profissional.

A escolha por investigar os egressos da UFU justifica-se, portanto, pela necessidade de produzir dados empíricos que subsidiem reflexões institucionais e contribuam para o aprimoramento da formação oferecida. Ao entender os percursos, as percepções e os desafios enfrentados pelos ex-alunos, é possível identificar fragilidades e potencialidades do curso, fomentar políticas institucionais mais efetivas e colaborar com o desenvolvimento de estratégias pedagógicas que ampliem a inserção dos internacionalistas no mundo do trabalho. Para alcançar esses propósitos, o presente trabalho está dividido em seis partes. A primeira seção apresenta o histórico e as características do curso de Relações Internacionais da UFU. Em seguida, discute-se o papel da universidade frente ao mercado de trabalho e às tensões entre formação crítica e exigências práticas. A terceira seção articula teorias clássicas das Relações Internacionais com as transformações do mercado de trabalho global. A quarta apresenta uma revisão de estudos anteriores sobre egressos do campo em diferentes instituições. A quinta seção expõe os resultados da pesquisa empírica realizada com egressos da UFU, a partir de dados quantitativos e qualitativos. É importante ressaltar que a pesquisa empírica tem fins apenas ilustrativos, pois teve uma quantidade de respondentes muito reduzida quando analisado o universo de todos os egressos de Relações Internacionais da UFU. Por fim, as considerações finais sintetizam os achados do estudo e sugerem caminhos para o fortalecimento do vínculo entre formação universitária e inserção profissional.

## **2. O Bacharelado em Relações Internacionais da UFU**

A trajetória profissional dos egressos do curso de Relações Internacionais da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) é um tema que desperta questionamentos recorrentes entre os discentes, especialmente aqueles que se aproximam da finalização do curso e buscam compreender as possibilidades de inserção no mercado de trabalho. Embora esse seja um aspecto relevante para a avaliação da formação acadêmica e de seus impactos práticos, observa-se que ainda há espaço para melhorias na sistematização de espaços institucionais voltados à discussão contínua sobre o percurso profissional dos graduados na área, tanto em termos de oportunidades quanto aos desafios enfrentados após a conclusão do curso.

O curso de Bacharelado em Relações Internacionais da UFU foi instituído em 2009, como parte do Plano de Expansão da universidade, com o objetivo de ampliar a oferta de cursos de graduação e contemplar áreas de conhecimento ainda não exploradas institucionalmente. Sua criação foi resultado de um processo deliberativo conduzido internamente, com participação do então Instituto de Economia — unidade à qual o curso

esteve originalmente vinculado — e do Conselho da Unidade (CONSIE), responsáveis por conduzir debates e avaliações sobre a viabilidade e a pertinência da nova graduação no contexto da UFU (Universidade Federal de Uberlândia, 2021).

A partir de aproximadamente 2016, o curso passou a ser objeto de reflexões mais estruturadas voltadas ao seu desenvolvimento, incorporando análises baseadas em diferentes instrumentos e fontes de avaliação. Entre elas, destacam-se os resultados obtidos no Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE), os registros e percepções dos docentes envolvidos no curso desde sua criação, bem como as demandas apresentadas por estudantes ao longo do tempo. Esses elementos contribuíram para a identificação de pontos de atenção e de oportunidades de aprimoramento no que diz respeito à organização curricular, às metodologias de ensino e à articulação com o campo profissional (Universidade Federal de Uberlândia, 2021).

Como desdobramento desse processo de avaliação e revisão, em 2021 foi elaborado e aprovado um novo Projeto Pedagógico do Curso (PPC), que passou a orientar a estrutura curricular, os objetivos formativos e as diretrizes acadêmicas do curso de Relações Internacionais. O novo PPC, atualmente em vigência, busca adequar a formação oferecida às transformações observadas no campo das Relações Internacionais, considerando as dinâmicas do mercado de trabalho, as mudanças nas políticas educacionais e as características do perfil dos estudantes da instituição (Universidade Federal de Uberlândia, 2021).

Quando é observado o cenário nacional, atualmente, 168 instituições de ensino superior ofertam no Brasil cursos de graduação em Relações Internacionais. A oferta destes cursos sofreu muitas transformações ao longo dos últimos anos, em parte devido à necessidade de adequação dos currículos em relação às Diretrizes Nacionais Curriculares, aprovadas em 2017, e à expansão do regime remoto, popularizado pela pandemia. A maior parte dos cursos presenciais é ofertada na região sudeste, cerca de 57% dos cursos totais do país (Ramos, 2024).

O Brasil é um país de dimensões continentais, marcado por uma notável diversidade cultural, regional e socioeconômica. Essa heterogeneidade impacta diretamente a oferta e a estrutura dos cursos de ensino superior, inclusive aqueles voltados à formação em Relações Internacionais. Apesar da existência de Diretrizes Curriculares Nacionais que orientam a organização e os objetivos desses cursos, as instituições de ensino superior acabam imprimindo características próprias à formação de seus egressos. Como resultado, os profissionais formados em Relações Internacionais no país apresentam trajetórias bastante distintas, especialmente no que diz respeito à inserção no mercado de trabalho.

Dessa forma, para o desenvolvimento do presente estudo, torna-se essencial apresentar as principais características do curso de Relações Internacionais da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Essa contextualização contribui para uma melhor compreensão das condições em que os profissionais investigados foram formados, bem como das especificidades que podem influenciar seus percursos profissionais após a graduação.

O curso foi instituído em 2009, no campus de Uberlândia, no contexto do que anteriormente era o Instituto de Economia, e ainda hoje mantém uma relação estreita com essa área do conhecimento. Muitos dos docentes vinculados ao curso possuem formação e trajetória consolidada nas Ciências Econômicas, tendo migrado de forma parcial ou integral para o novo curso após sua criação. Além disso, existem disciplinas que são compartilhadas entre os cursos de Relações Internacionais e Ciências Econômicas, o que contribui para uma aproximação teórico-metodológica entre ambos (Universidade Federal de Uberlândia, 2021).

Essa proximidade se estende também às atividades extracurriculares. Os discentes dos dois cursos convivem em múltiplos espaços de aprendizagem e interação não formal, tais como a atlética estudantil, a empresa júnior, os grupos de estudo e o clube de simulações de organizações internacionais. Esses ambientes favorecem a troca de experiências e reflexões acerca das trajetórias acadêmicas, expectativas profissionais, interesses de pesquisa e visões de mundo dos estudantes, contribuindo para uma formação que vai além do currículo obrigatório.

Outro aspecto relevante a ser considerado é a localização geográfica da universidade. Apesar de Uberlândia ser um dos maiores centros urbanos do estado de Minas Gerais e contar com uma infraestrutura relativamente desenvolvida, ainda há limitações significativas no que diz respeito à presença de instituições com potencial de absorver profissionais da área de Relações Internacionais. Diferentemente de cidades como Brasília, que concentra a maior parte das embaixadas e consulados presentes no país, ou São Paulo, reconhecida pelo volume e diversidade de empresas multinacionais, Uberlândia não oferece, em sua totalidade, um ambiente profissional amplamente estruturado para esse perfil de formação. Isso representa um desafio adicional para os estudantes e egressos do curso, sobretudo aqueles que buscam iniciar suas trajetórias profissionais dentro da própria cidade.

Ademais, o curso de Relações Internacionais da UFU é ofertado em regime integral, o que implica uma organização curricular que alterna os turnos das aulas entre manhã e tarde a cada semestre. Tal característica dificulta a inserção dos estudantes no mercado de trabalho durante a graduação, visto que muitas instituições e empresas não possuem flexibilidade para acomodar essa dinâmica de horários, o que pode comprometer tanto o ingresso quanto a

permanência dos discentes em estágios ou empregos fixos.

As particularidades mencionadas exercem influência direta na trajetória profissional dos egressos do curso, cujos impactos variam de acordo com o contexto histórico e social. Durante o período da pandemia de COVID-19, por exemplo, a ampliação das modalidades de trabalho e ensino remoto contribuiu para mitigar as barreiras geográficas anteriormente enfrentadas pelos estudantes. A flexibilização do formato presencial permitiu o acesso a oportunidades de estágio e projetos acadêmicos oferecidos por instituições de outras regiões do país e até do exterior. Mesmo após o fim das restrições sanitárias, observou-se a manutenção de algumas dessas dinâmicas, com a permanência de vagas de trabalho remoto e a consolidação de redes de colaboração online que ampliaram as possibilidades de inserção profissional para os estudantes de Relações Internacionais.

Por fim, é importante destacar um traço comum aos cursos de Relações Internacionais, não apenas da UFU mas em todo o Brasil, que também impacta a percepção e a inserção dos seus egressos no mercado de trabalho: a multidisciplinaridade da grade curricular. Embora esse aspecto contribua significativamente para a formação de profissionais com competências analíticas amplas, visão crítica e capacidade de adaptação a diferentes contextos, ele também apresenta desafios. A ausência de uma formação técnica ou especializada, como ocorre em outras áreas do ensino superior, pode dificultar a identificação, por parte do mercado, das funções e espaços profissionais que esses egressos podem ocupar. Soma-se a isso o fato de que os cursos de Relações Internacionais no Brasil ainda são relativamente recentes, o que contribui para a limitação do reconhecimento institucional acerca do potencial dos internacionalistas, tanto em setores públicos quanto privados (Miyamoto, 2003).

Em meio a todo o contexto apresentado há uma ferramenta fundamental para entender a efetividade, os resultados e os caminhos dos cursos de RI no Brasil: é o acompanhamento dos egressos. Uma fonte valiosa de informações para essas iniciativas de reformulação e aperfeiçoamento das grades curriculares de cursos de ensino superior, o acompanhamento de egressos **foi citado no relatório do Núcleo Docente Estruturante** - responsável pela reforma curricular que o curso sofreu em 2021 na UFU - como ponto de fragilidade, por não haver nesta Universidade um instrumento de acompanhamento de egressos institucionalizado.

As diversas possibilidades de trajetórias profissionais que um egresso de Relações Internacionais pode seguir são temas discutidos em algumas disciplinas e em alguns núcleos estudantis na UFU, como é o caso da ACPE, a empresa júnior, que conta também com discentes de Ciências Econômicas - componente importante na profissionalização de muitos dos egressos do curso. Há também iniciativas pontuais, como foi o caso do Podcast Alô

Internacionalista, cuja atuação durou de fevereiro a agosto de 2024, com o objetivo de difundir informações sobre as carreiras de internacionalistas. Apesar de a discussão existir, os caminhos a serem tomados para que objetivos específicos sejam atingidos, como o ingresso em uma carreira de docência em ensino superior ou a uma posição consolidada em uma empresa privada de grande porte e projeção no mercado, são em grande parte desconhecidos pelos graduandos, o que impacta em seu sucesso no atingimento destes objetivos.

Analisar a experiência dos egressos e manter com eles um vínculo para que seja possível acompanhar suas jornadas se mostra como uma fonte muito valiosa de informações para o aprimoramento dos cursos de RI não apenas na UFU, mas em todo o Brasil, e para o aprimoramento do campo de estudos, além de possibilitar aos graduandos e docentes uma troca de experiências que possa apoiá-los no ingresso ao mercado de trabalho: onde procurar oportunidades, quais conhecimentos são mais utilizados em cada área de atuação, e assim por diante.

### **3. METODOLOGIA**

Tendo em vista o contexto apresentado, no presente artigo, espera-se obter uma visão abrangente do perfil dos egressos do curso de Relações Internacionais da UFU, incluindo suas habilidades, competências, áreas de atuação e perspectivas de carreira. Além disso, através dos depoimentos que alguns respondentes deixaram no questionário, será possível identificar os principais desafios enfrentados por esses profissionais no momento de ingressar no mercado de trabalho. Essas informações podem contribuir para o desenvolvimento de estratégias e políticas que promovam uma melhor inserção profissional dos egressos e o contínuo aprimoramento do curso.

A metodologia adotada para alcançar os objetivos propostos neste estudo baseou-se em uma abordagem quali-quantitativa, com o uso de fontes primárias e secundárias. Como fonte primária, foi realizada uma pesquisa quantitativa com egressos do curso de Relações Internacionais da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), por meio da aplicação de um questionário estruturado na plataforma Google Forms. A escolha dessa ferramenta deveu-se à sua praticidade, facilidade de acesso e ampla aceitação entre os participantes, que foram contatados principalmente por meio de redes sociais.

A divulgação da pesquisa foi realizada com o apoio da coordenação do curso e do Diretório Acadêmico de Relações Internacionais da UFU, utilizando seus perfis institucionais nas redes sociais. Ao todo, foram obtidas 42 respostas de ex-alunos que concluíram a graduação entre os anos de 2015 e 2024.

Como fontes secundárias, foram utilizados estudos acadêmicos que abordam o perfil de egressos de Relações Internacionais de outras instituições de ensino superior, bem como trabalhos que discutem a consolidação do campo de estudos no Brasil e o processo de formulação das Diretrizes Curriculares Nacionais da área.

Durante a aplicação do questionário, observou-se uma dificuldade maior em contatar egressos que se formaram há mais tempo. A análise do perfil dos respondentes revelou uma predominância de profissionais que se graduaram após o início da pandemia de COVID-19. Esse período provocou mudanças significativas no mercado de trabalho, sendo uma das mais relevantes a ampliação das possibilidades de atuação remota.

#### **4. O PAPEL DA UNIVERSIDADE NO MERCADO DE TRABALHO**

A Universidade desempenha um papel fundamental na inserção dos indivíduos no mercado de trabalho, especialmente em áreas como as Ciências Sociais e Relações Internacionais, onde o conhecimento acadêmico é essencial para a compreensão das dinâmicas globais. Através de uma formação sólida e diversificada, as instituições de ensino superior oferecem aos alunos as ferramentas necessárias para desenvolver competências técnicas, analíticas e de comunicação, que são altamente valorizadas no mercado profissional.

Além disso, a universidade oferece um ambiente propício para o desenvolvimento de habilidades interpessoais, como trabalho em equipe, liderança e resolução de conflitos, que são essenciais para a integração e sucesso em diversas áreas profissionais. A formação de uma mentalidade crítica e reflexiva, também é um destaque dos profissionais que se graduaram em Relações Internacionais, e serve de grande apoio para a adaptação dos profissionais às constantes mudanças do mercado de trabalho globalizado (Miyamoto, 2003).

Um debate que é muito pertinente e precisa ser citado, visto que o presente trabalho foi escrito no contexto de formação de uma internacionalista, cuja formação, como citado anteriormente, tem um forte caráter crítico e analítico, mas que não será aprofundado no presente trabalho, é o da mercantilização do ensino superior no Brasil. Dentro desse debate, questionamentos são colocados em relação ao papel da Universidade enquanto formadora não apenas de profissionais que devem atender às demandas do mercado de trabalho, mas como um ambiente de formação de cidadãos e de emancipação humana (Pereira, 2009).

A mercantilização do ensino superior tem se intensificado nas últimas décadas, especialmente a partir dos anos 1990, com o avanço de políticas neoliberais que incentivaram a privatização e a transformação do conhecimento em mercadoria. Mesmo as universidades

públicas, como a Universidade Federal de Uberlândia (UFU), não estão totalmente alheias a esse movimento. A pressão por produtividade acadêmica, o foco em índices de desempenho e a crescente valorização da empregabilidade como principal indicador de sucesso da formação superior são exemplos de como essa lógica de mercado também penetra o espaço público (Pereira, 2009).

No caso específico do curso de Relações Internacionais da UFU, essa realidade apresenta desafios particulares. Trata-se de uma formação que, por natureza, busca integrar múltiplas áreas do conhecimento e incentivar uma compreensão crítica sobre os processos globais, sociais e políticos. No entanto, os egressos muitas vezes se veem pressionados a adaptar sua trajetória profissional às demandas do mercado, que nem sempre reconhece ou valoriza a complexidade da formação em RI. Isso pode levar à ocupação de cargos em áreas pouco relacionadas à formação original, ou à busca por especializações complementares com foco mais técnico e imediato.

A pesquisa realizada com egressos do curso entre 2015 e 2024 reforça esse cenário. Ainda que a formação em RI tenha proporcionado uma base sólida, muitos profissionais relatam a necessidade de buscar novas capacitações para garantir sua inserção no mercado. Além disso, observa-se uma concentração de formados nos anos pós-pandemia, um período marcado por mudanças estruturais no mundo do trabalho, como o avanço do modelo remoto, que ampliou a possibilidade de atuação fora de Uberlândia, mas também exigiu novas competências e flexibilidades por parte dos profissionais.

Dessa forma, a mercantilização do ensino superior ajuda a explicar parte das tensões vividas pelos egressos no momento da transição entre a universidade e o mercado de trabalho. Ela também levanta questionamentos sobre até que ponto a universidade está sendo capaz de manter seu compromisso com a formação cidadã, crítica e emancipadora, em meio a um cenário cada vez mais orientado pelas lógicas de eficiência, empregabilidade e rentabilidade.

O campo das Relações Internacionais, enquanto área de estudo, emergiu no início do século XX com o propósito de compreender as dinâmicas globais e as relações entre os Estados, focando em aspectos como diplomacia, segurança internacional e governança global. Nesse contexto, a formação em RI historicamente priorizou uma abordagem analítica e crítica sobre as questões internacionais, em vez de uma preparação diretamente voltada para as demandas específicas do mercado de trabalho privado. O curso de Relações Internacionais da Universidade Federal de Uberlândia, com sua sólida base acadêmica, reflete essa tradição, que se alinha mais com as exigências de carreiras no setor público, organizações internacionais e atuação diplomática, do que com as necessidades do mercado corporativo.

Dessa forma, a inserção dos egressos de RI da UFU no mercado de trabalho privado, embora significativa, pode ser interpretada como parte de um processo de adaptação e reorientação profissional. A formação recebida, caracterizada por uma visão abrangente e crítica das questões internacionais, proporciona aos graduados habilidades transferíveis que, ao serem adaptadas, podem ser aplicadas em diversos contextos profissionais. No entanto, o alinhamento do curso com o setor privado não é necessariamente uma expectativa primária de sua estrutura curricular, o que ajuda a contextualizar o perfil dos egressos que buscam se inserir nesse mercado.

## **5. TEORIAS DE RI E O MERCADO DE TRABALHO GLOBAL**

Dentro do campo das Relações Internacionais (RI), diversas teorias podem ser adaptadas e utilizadas para a compreensão das dinâmicas do mercado de trabalho global, refletindo como o poder, a economia e as relações entre os países influenciam a empregabilidade e a formação de profissionais. Uma das principais abordagens teóricas é a do realismo, que foca na competição por poder e recursos entre os Estados. Essa perspectiva destaca a importância de capacitar os profissionais para lidar com um mercado de trabalho caracterizado por desigualdades globais e uma constante busca por hegemonia. Para os egressos de Relações Internacionais, isso implica a necessidade de desenvolver habilidades para navegar em um cenário internacional competitivo, onde as oportunidades de trabalho estão frequentemente ligadas ao contexto político e econômico global.

Outra teoria relevante é o liberalismo, que enfatiza a cooperação internacional e a interdependência entre os Estados. No mercado de trabalho, essa abordagem sugere que as organizações e as empresas multinacionais buscam cada vez mais profissionais com habilidades interculturais, fluência em idiomas e capacidade de colaborar em projetos globais. Para os formandos em Relações Internacionais, essa perspectiva implica a valorização de competências relacionadas ao entendimento das normas internacionais, tratados e acordos, o que pode abrir portas para cargos em organismos internacionais e grandes corporações. A habilidade de trabalhar em um ambiente globalizado e interconectado é vista como uma vantagem competitiva, refletindo o impacto das relações internacionais na dinâmica do mercado de trabalho.

A teoria da dependência, por sua vez, sugere que os países em desenvolvimento estão em uma posição subordinada no sistema econômico global, o que pode afetar as oportunidades de trabalho para os profissionais formados em áreas como as Relações Internacionais. A

inserção no mercado de trabalho pode ser desafiadora, especialmente em países periféricos, que enfrentam dificuldades econômicas e dependem de investimentos externos. Para os egressos da UFU, isso implica em uma busca constante por capacitação e adaptação a um mercado que muitas vezes está condicionado pelas estruturas econômicas globais. As políticas de internacionalização das universidades e a ênfase em estágios e parcerias com empresas internacionais podem ser estratégias importantes para mitigar os efeitos da dependência, oferecendo aos alunos uma maior inserção em mercados globais e oportunidades de mobilidade internacional.

Essas diferentes teorias mostram como o mercado de trabalho em Relações Internacionais não é apenas um reflexo das mudanças econômicas globais, mas também das dinâmicas políticas e sociais entre os Estados e as organizações. Ao compreender essas teorias, os profissionais da área podem se preparar melhor para enfrentar os desafios e aproveitar as oportunidades que surgem em um mercado global cada vez mais interconectado e competitivo.

## **6. PESQUISAS COM EGRESSOS DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

Antes da apresentação dos resultados da pesquisa com egressos realizada no âmbito deste trabalho, é importante destacar estudos anteriores que foram fundamentais para o delineamento metodológico da investigação e que contribuíram significativamente para a consolidação do campo em nível nacional. Essas pesquisas pioneiras estabeleceram critérios de análise do perfil profissional dos egressos de Relações Internacionais e serviram de inspiração direta para a condução da pesquisa na Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Entre elas, destaca-se o estudo coordenado por Maia (2020), que traçou um abrangente panorama dos cursos de Relações Internacionais no Brasil. A pesquisa, desenvolvida em 2017, foi uma das mais completas já realizadas na área e teve papel relevante na formulação das Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Relações Internacionais, ao oferecer dados empíricos sobre a formação e atuação profissional dos egressos. Outro exemplo relevante é o estudo conduzido por Schimanski, Fernandes, Menezes e Lubke (2021), referente aos egressos do curso de Relações Internacionais da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). A abordagem metodológica adotada pelos autores se assemelha à utilizada neste trabalho, especialmente pela análise dos registros acadêmicos institucionais e pela comparação dos dados obtidos com outras pesquisas sobre o tema. Essa estratégia de comparação amplia o alcance da investigação, permitindo identificar especificidades locais

em relação a tendências mais gerais observadas em outras instituições de ensino superior.

## **7. RESULTADOS**

### **7.1. Resultados Quantitativos**

As informações obtidas por meio da pesquisa realizada com os egressos do curso de Relações Internacionais da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) revelam um panorama amplo sobre os caminhos profissionais seguidos pelos diplomados. De acordo com os dados coletados, observa-se que a maioria dos profissionais está inserida no setor privado, atuando em empresas de diferentes portes e segmentos. Dentro desse grupo, mais da metade exerce funções que possuem algum tipo de interface internacional.

Na sequência, o segundo campo de atuação mais mencionado foi o de Ensino e Academia, englobando desde atividades de docência em instituições de ensino superior e técnico até a participação em projetos de pesquisa. Em terceiro lugar aparece o Setor Público, com egressos ocupando cargos em órgãos governamentais, agências reguladoras e repartições administrativas. Por fim, com o mesmo número de respondentes, destacam-se as atuações em Organizações Internacionais e no Terceiro Setor, mostrando a diversidade de possibilidades profissionais oferecidas pela área.

No que diz respeito à percepção sobre a presença de uma dimensão internacional nas atividades desenvolvidas, a amostra apresenta uma divisão relativamente equilibrada. Enquanto 47,6% dos respondentes afirmam que suas funções profissionais envolvem diretamente alguma interface com o cenário internacional — seja por meio de negociações, análise de conjuntura, cooperação internacional ou contato com instituições estrangeiras —, os outros 52,4% consideram que sua atuação é mais voltada para questões de ordem interna ou nacional, sem envolvimento significativo com aspectos internacionais.

O Quadro 1 a seguir apresenta de forma sistematizada a distribuição dos profissionais entre os diferentes setores de atuação, conforme indicado pelos próprios respondentes da pesquisa, oferecendo um panorama quantitativo que complementa as análises qualitativas mencionadas.

Quadro 1: Inserção Profissional da amostragem dos Egressos de Relações Internacionais da UFU

<b>SETOR</b>	<b>INTERFACE INTERNACIONAL</b>	<b>TOTAL</b>
<b>SETOR PÚBLICO</b>	em atividades COM interface internacional	1 (2,4%)

	em atividades SEM interface internacional	2 (4,8%)
<b>ORGANIZAÇÕES INTERNACIONAIS</b>	em organizações internacionais	2 (4,8%)
<b>SETOR PRIVADO</b>	em atividades COM interface internacional	14 (34,1%)
	em atividades SEM interface internacional	12 (29,2%)
<b>ORGANIZAÇÕES SOCIAIS</b>	em atividades COM interface internacional	1 (2,4%)
	em atividades SEM interface internacional	1 (2,4%)
<b>ENSINO E ACADEMIA</b>	em ensino e academia	6 (14,6%)
<b>SEM ATUAÇÃO PROFISSIONAL NO MOMENTO</b>	-	3 (4,8%)

Fonte: Dados empíricos obtidos na pesquisa (SEVERINO, 2025)

Os resultados da pesquisa realizada com os egressos da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) confirmam uma tendência observada em outras investigações conduzidas em instituições brasileiras: a maioria dos profissionais formados em Relações Internacionais tem sido absorvida pelo setor privado. O Quadro 2 ilustra os resultados obtidos em diversas pesquisas com egressos de Relações Internacionais no Brasil, e através dele é possível observar as tendências de distribuição das áreas de inserção dos profissionais. De maneira geral, os estudos apontam uma média de inserção de 50,58% nesse segmento, que abrange áreas como comércio exterior, consultorias, análise de mercado, e relações corporativas internacionais. Essa predominância reflete, em parte, a maior oferta de oportunidades e a crescente demanda por profissionais com perfil internacional em empresas privadas. Em contraste, o terceiro setor — composto por organizações da sociedade civil que atuam na promoção do bem-estar social por meio de projetos, políticas públicas e ações de impacto comunitário — continua sendo o campo com menor absorção desses profissionais.

Quadro 2: Inserção Profissional dos Egressos de Relações Internacionais em diferentes estudos brasileiros

<b>ESTUDO</b>	<b>SETORES INSERÇÃO PROFISSIONAL</b>
<b>(RIBEIRO; KATO; REINER, 2013).</b>	Setor Público: 24%; Setor Privado: 45%; Academia: 23%; Terceiro Setor: 8%.
<b>(PUC, 2016).</b>	Setor Público: 17,4%; Privado: 55,1%; Academia: 9%; Terceiro Setor: 18,6%.
<b>(SEABRA; LEITE; DIAS, 2017).</b>	Pesquisa levantou as atividades, não setores: apoio à administração/gestão de negócios, como vendas, gestão de projetos e de finanças e marketing.
<b>(MAIA; FRANCO; NEDER, 2017).</b>	Setor Público: 7,4%; Setor Privado: 38,7%; Academia: 1,5%; Terceiro Setor (5,5%); Organizações Internacionais (3,4%); 2,1% não responderam.
<b>(SCHIMANSKI; FERNANDES; MENEZES; LUBKE, 2021)</b>	Setor Público: 6,2%; Setor Privado: 50,8%; Academia: 16,4%; Terceiro Setor: 3,4%; Organizações Internacionais: 1,7%
<b>(SEVERINO, 2025)</b>	Setor Público: 7,2%; Setor Privado: 63,3%/ Academia: 14,6%; Terceiro Setor: 2,4% e Organizações Internacionais: 4,8%

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, com base na pesquisa de SCHIMANSKI et al, 2021.

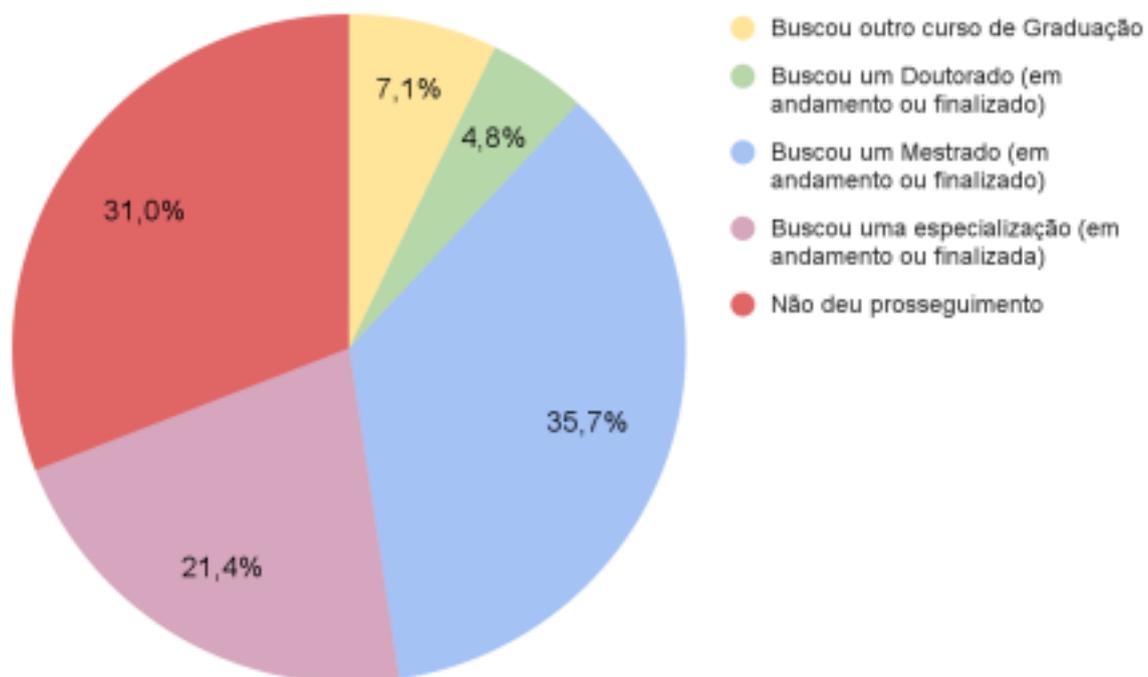
No que diz respeito à continuidade dos estudos após a conclusão da graduação em Relações Internacionais, os dados obtidos revelam que 31% dos respondentes egressos da UFU optaram por não dar prosseguimento imediato à sua formação acadêmica. Essa parcela representa os indivíduos que, por diferentes motivos — como ingresso direto no mercado de trabalho, falta de interesse em continuar os estudos, barreiras financeiras, ou outros fatores não identificados nesta pesquisa — não realizaram novos cursos formais após a conclusão da graduação.

Por outro lado, 69% dos respondentes afirmaram ter continuado seus estudos, demonstrando uma tendência relevante de busca por qualificação adicional entre os egressos. Dentro desse grupo, é possível identificar três categorias principais de continuidade

educacional: aqueles que ingressaram em uma nova graduação, os que optaram por uma Pós Graduação stricto sensu (mestrado ou doutorado), e os que buscaram uma Pós-Graduação lato sensu (especializações e MBAs). Essas categorias refletem diferentes objetivos e estratégias de formação continuada, podendo indicar tanto a busca por reorientação profissional quanto o aprofundamento em áreas específicas relacionadas ou complementares à formação original em Relações Internacionais.

O Gráfico 1 apresenta a distribuição percentual entre essas categorias, conforme as respostas obtidas no questionário aplicado. É importante destacar que não foram coletadas informações detalhadas sobre as áreas ou subáreas do conhecimento nas quais esses cursos foram realizados, o que limita uma análise mais aprofundada quanto às direções específicas escolhidas pelos egressos em seus percursos educacionais. Ainda assim, os dados quantitativos possibilitam compreender, de forma geral, os padrões de continuidade acadêmica entre os profissionais formados pela UFU, servindo como base para reflexões futuras sobre os fatores que influenciam essas escolhas e suas possíveis relações com a trajetória profissional dos respondentes.

Gráfico 1: Continuidade dos estudos dos Egressos de Relações Internacionais da UFU



Fonte: elaborado pela pesquisadora. SEVERINO (2025)

No que se refere às faixas salariais dos egressos do curso de Relações Internacionais da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), os dados obtidos, ilustrados no Gráfico 2, revelam uma distribuição relativamente concentrada em níveis intermediários de renda.

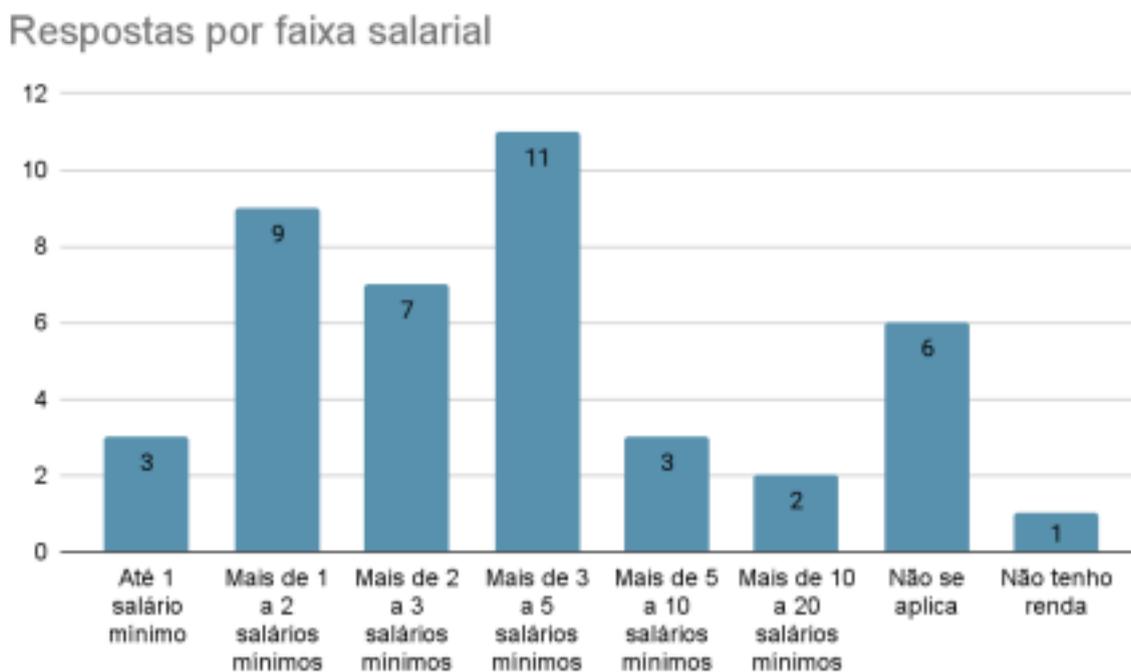
Observa-se que a maior parcela dos respondentes (25,6%) afirmou receber atualmente uma remuneração mensal na faixa de mais de 3 a 5 salários-mínimos, o que corresponde a uma faixa considerada média no contexto brasileiro. Essa categoria salarial aparece como a predominante entre os participantes da pesquisa, indicando uma tendência de inserção no mercado de trabalho com rendimentos compatíveis com cargos de nível superior, ainda que não necessariamente de alta remuneração.

A segunda faixa salarial mais representada entre os respondentes é a de mais de 1 a 2 salários-mínimos, que abrange 20,9% dos participantes. Esse dado pode estar relacionado a empregos de entrada na carreira, ocupações de meio período, atuações no setor público em estágios iniciais, ou ainda a contextos de subocupação ou informalidade. Já a terceira maior concentração, com 16,2% dos respondentes, situa-se na faixa de mais de 2 a 3 salários mínimos, o que também revela uma presença significativa em níveis salariais intermediários baixos.

A análise desses dados permite identificar um padrão de remuneração que, embora não seja homogêneo, reflete a diversidade de trajetórias profissionais possíveis para os egressos do curso, influenciada por fatores como área de atuação, localização geográfica, tipo de vínculo empregatício (público, privado ou terceiro setor), além da experiência acumulada e da continuidade da formação acadêmica. Cabe destacar que faixas salariais mais elevadas — como as superiores a 5 salários-mínimos — aparecem em menor proporção na amostra, o que pode indicar tanto a dificuldade de acesso a posições de maior remuneração quanto a relativa juventude da maior parte dos respondentes, que ainda se encontram em fase inicial ou intermediária de suas trajetórias profissionais.

Por fim, ressalta-se que, apesar de os dados apresentarem uma visão geral das faixas de rendimento dos egressos, não foram coletadas informações mais detalhadas sobre a natureza das ocupações, carga horária ou setores de atuação que poderiam permitir uma compreensão mais aprofundada da relação entre formação em Relações Internacionais e remuneração obtida. Ainda assim, os percentuais apresentados fornecem uma base importante para discutir os desafios e potencialidades da inserção profissional desses graduados no contexto atual do mercado de trabalho brasileiro

Gráfico 2: Respostas por faixa salarial dos Egressos de Relações Internacionais da UFU



Fonte: elaborado pela pesquisadora. SEVERINO (2025)

A análise quantitativa apresentada até aqui permite determinar um panorama abrangente sobre os principais setores de atuação, as faixas salariais e os caminhos educacionais escolhidos pelos egressos do curso de Relações Internacionais da UFU. Esses dados revelam uma realidade heterogênea, em que a formação acadêmica oferecida proporciona uma base sólida, mas nem sempre garante uma inserção profissional plenamente satisfatória ou alinhada às expectativas dos profissionais. Ainda que se perceba certa diversidade nas trajetórias, persistem desafios estruturais relacionados ao reconhecimento da profissão, à valorização no mercado e à articulação entre universidade e empregabilidade. Para aprofundar essa compreensão e captar nuances que os números isoladamente não evidenciam, torna-se essencial recorrer ao aspecto qualitativo da pesquisa. A seguir, os depoimentos dos egressos são analisados com o intuito de explorar percepções subjetivas, dilemas enfrentados e reflexões críticas sobre a formação recebida e sua aplicação no mercado de trabalho.

## 6.2. Resultados qualitativos

A análise qualitativa dos depoimentos espontâneos fornecidos por uma amostra dos egressos do curso de Relações Internacionais da Universidade Federal de Uberlândia evidencia aspectos relevantes para a compreensão dos principais dilemas enfrentados por esses profissionais no início e ao longo de suas trajetórias. Muitos destacaram positivamente a

qualidade da formação teórica oferecida pela UFU, reconhecendo sua contribuição para o desenvolvimento de habilidades analíticas, críticas e interpretativas. Por outro lado, também foram mencionadas percepções de distância entre a formação acadêmica e as exigências práticas do mercado de trabalho.

Uma das percepções recorrentes refere-se à dificuldade de inserção do profissional de Relações Internacionais em um mercado que ainda não reconhece amplamente esse perfil profissional. Alguns depoimentos mencionaram a preferência de empregadores por formandos de áreas mais tradicionais, como Direito, Administração ou Economia, o que pode indicar uma necessidade de maior difusão das competências específicas do internacionalista.

Expressões como "os internacionalistas não são vistos como atraentes pelas empresas" refletem, de forma crítica, um sentimento de desvalorização. Tais colocações devem ser entendidas no contexto de uma amostra limitada e como percepções pessoais, que indicam a importância de fortalecer a visibilidade da formação em RI e de fomentar o diálogo com o mercado.

Alguns egressos relataram a necessidade de buscar especializações adicionais ou reorientar suas carreiras para setores como o financeiro, comercial ou o comércio exterior, onde identificaram maior clareza sobre as demandas profissionais. A adequação entre formação e prática foi apontada como um desafio contínuo, sendo citada, por exemplo, a dificuldade em traduzir os conhecimentos adquiridos na graduação em competências práticas demandadas no mercado.

Também foram mencionadas percepções de que o suporte institucional voltado à preparação para o setor corporativo privado ainda pode ser ampliado. Um dos depoimentos sugeriu que, apesar da sólida base teórica, há espaço para a inclusão de componentes curriculares com foco em áreas como diplomacia corporativa, negociação internacional e gestão de projetos. Vale destacar, contudo, que essa é uma percepção compartilhada por parte da amostra e não necessariamente representa a totalidade dos egressos do curso.

Outro ponto enfatizado foi a relevância das atividades extracurriculares, como a empresa júnior (ACPE), grupos de extensão (como a AJESIR) e projetos de internacionalização. Esses espaços foram reconhecidos como importantes complementos à formação, oferecendo vivências práticas que facilitaram o ingresso em estágios e empregos. Um egresso da área de imigração, por exemplo, apontou que a participação em projetos de extensão e o aprendizado em disciplinas como Direito Internacional foram fundamentais para sua atuação atual.

Além disso, os depoimentos de egressos que seguiram carreira acadêmica indicam uma

percepção mais alinhada entre a formação recebida e os objetivos profissionais. Esses relatos sugerem que a estrutura curricular do curso apresenta uma ênfase mais forte em fundamentos teóricos e metodológicos, o que favorece trajetórias voltadas à docência e à pesquisa.

Em síntese, os depoimentos coletados oferecem uma visão rica e multifacetada das experiências de parte dos egressos da UFU. Embora apontem para desafios, sobretudo na articulação entre teoria e prática, também destacam iniciativas positivas e caminhos promissores. Ao reconhecer essas contribuições e limitações, o curso pode continuar evoluindo em direção a uma formação mais conectada com as diversas possibilidades profissionais dos internacionalistas. Ressalta-se, por fim, que os achados dessa seção devem ser lidos à luz do caráter ilustrativo da pesquisa, que não pretende esgotar as experiências possíveis, mas sim abrir espaço para escuta e diálogo institucional.

## **8. CONCLUSÃO**

A partir dos dados quantitativos e qualitativos levantados nesta pesquisa, observa-se que há um conjunto de ações institucionais que podem ser consideradas pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU) — especialmente pela coordenação do curso de Relações Internacionais — com vistas a fortalecer a formação oferecida e favorecer uma inserção mais efetiva dos egressos no mercado de trabalho.

Entre as iniciativas que podem ser exploradas, destaca-se a importância de institucionalizar o acompanhamento de egressos. Tanto a literatura quanto os respondentes indicam que a ausência de mecanismos formais de contato com os diplomados dificulta a compreensão contínua dos impactos da formação nas trajetórias profissionais. A criação de um banco de dados atualizado, aliado a canais de comunicação ativa e à aplicação periódica de questionários, poderia gerar insumos relevantes para possíveis ajustes curriculares, além de fortalecer a rede de apoio entre graduandos e ex-alunos.

Outro aspecto que merece atenção é a ampliação de oportunidades práticas ao longo da graduação. Embora o curso já conte com iniciativas como a empresa júnior e os núcleos de estudo, os dados apontam para um interesse crescente por espaços que possibilitem a aplicação do conhecimento teórico em contextos profissionais reais. A oferta de laboratórios de prática, disciplinas optativas com enfoque técnico (como negociação, análise de risco político, inteligência de mercado e diplomacia corporativa), além de oficinas voltadas à preparação para o mercado de trabalho, poderia contribuir significativamente para uma formação mais completa e alinhada às diversas possibilidades de atuação.

Nesse mesmo sentido, o fortalecimento de parcerias institucionais com empresas,

ONGs e órgãos públicos que atuem em áreas correlatas ao curso pode representar uma oportunidade estratégica. Por meio de convênios, seria possível ampliar a oferta de estágios com maior aderência ao perfil do internacionalista, promovendo vivências que auxiliem na transição entre o ambiente acadêmico e o mundo do trabalho. Além disso, essas parcerias poderiam facilitar a realização de feiras de carreira, encontros com egressos e programas de mentoria — ações que já fazem parte da realidade de outras instituições de ensino superior.

A revisão curricular, por sua vez, pode se beneficiar do uso contínuo de evidências empíricas, como as reunidas nesta pesquisa. Embora a grade atual seja reconhecida por seu rigor analítico e crítico, parte dos egressos aponta para a necessidade de uma formação mais voltada à aplicação prática em determinadas áreas. Nesse contexto, pensar em ajustes que equilibrem a formação crítica com o desenvolvimento de competências técnicas pode ser uma estratégia valiosa, desde que feita com respeito à missão pública da universidade e à diversidade de caminhos profissionais escolhidos pelos alunos.

O campo das Relações Internacionais, como área de estudo, tem suas raízes no início do século XX, em um contexto marcado pela busca de compreensão das dinâmicas globais e das relações entre os Estados. A formação em RI, portanto, historicamente priorizou uma abordagem teórica e crítica, com ênfase em temas como diplomacia e segurança internacional, mais alinhados com as necessidades do setor público e organizações internacionais do que com as exigências do mercado corporativo privado. Esse contexto ajuda a explicar o perfil dos egressos e as possíveis dificuldades de adaptação às demandas do mercado privado, que nem sempre se alinham com o foco acadêmico e analítico da formação oferecida. No entanto, isso não significa que a formação seja inadequada, mas sim que as competências desenvolvidas são amplamente transferíveis e podem ser adaptadas a diferentes contextos profissionais, com a devida reorientação de estratégias e habilidades ao longo da carreira.

Vale ressaltar que a pesquisa empírica realizada para este estudo tem caráter ilustrativo, dado o tamanho limitado da amostra. Embora os dados levantados ofereçam uma visão significativa sobre o perfil dos egressos e suas trajetórias, é necessário reconhecer que uma pesquisa com uma amostra maior poderia fornecer um panorama mais robusto e detalhado. Assim, fica evidente a importância de continuar explorando essa temática em investigações futuras, que possam ampliar a compreensão sobre a relação entre a formação acadêmica e a inserção no mercado de trabalho. Pesquisas subsequentes poderiam, por exemplo, abordar o impacto de diferentes perfis profissionais e setores na carreira dos egressos de Relações Internacionais, ampliando a reflexão sobre o papel da universidade na preparação dos estudantes para uma diversidade de trajetórias.

Ao refletir sobre essas possibilidades de aprimoramento, é importante considerar o contexto mais amplo do ensino superior no Brasil, marcado por tensões entre a lógica acadêmica e as demandas do mercado. A valorização da empregabilidade como principal métrica de sucesso, por exemplo, levanta questionamentos sobre o papel da universidade na sociedade. Em vez de ceder a uma lógica exclusivamente utilitarista, talvez seja mais produtivo buscar um equilíbrio entre a formação de profissionais qualificados e o compromisso com uma educação crítica, plural e socialmente engajada.

Nesse sentido, pensar em formas de alinhar a formação universitária às realidades do mundo do trabalho não significa abrir mão da autonomia acadêmica nem do caráter formativo da universidade, mas sim reconhecer que os desafios contemporâneos exigem respostas complexas, capazes de integrar diferentes dimensões do saber e da prática.

Por fim, estimular uma cultura de valorização das trajetórias diversas pode ser um caminho promissor. Investir em iniciativas que deem visibilidade a egressos bem-sucedidos em diferentes áreas — como diplomacia, setor privado, consultorias, comércio internacional, organizações internacionais, terceiro setor ou pesquisa — pode inspirar os atuais estudantes e ajudá-los a compreender que a formação em Relações Internacionais oferece múltiplas possibilidades. Ao reforçar que cada trajetória é única, a universidade contribui para que seus alunos se sintam mais confiantes em suas escolhas e conscientes de que o valor da formação acadêmica vai muito além da simples preparação para uma vaga de emprego.

## REFERÊNCIAS

**FERREIRA, Marrielle Maia** (Org.). *Formação em Relações Internacionais no Brasil: panorama dos cursos de graduação e perfil dos egressos*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2020.

**MAIA, Marrielle; FRANCO, Ana Maria Paiva; NEDER, Henrique Dantas**. *Relatório de Autoavaliação do Curso de Relações Internacionais do IERIUFU - 2016/2017*. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Economia e Relações Internacionais, 2017.

**OLIVEIRA, Renato; SANTOS, Pedro Pereira dos**. O processo de mercantilização da Educação superior no Brasil e a negação da formação humana: uma análise crítica a partir de István Mészáros. *Revista Internacional de Educação Superior*, Campinas, SP, v. 9, n. 00, p. e023046, 2022. DOI: 10.20396/riesup.v9i00.8663773. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/riesup/article/view/8663773>. Acesso em: 12 abr. 2025.

**PEREIRA, Larissa Dahmer.** Mercantilização do ensino superior, educação a distância e Serviço Social. *Revista Katálysis*, Florianópolis, v. 12, n. 2, p. 206–213, dez. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rk/a/HfkmbnSgtsFvmk4c8fM5CXP/?lang=pt>. Acesso em: 12 abr. 2025.

**SCHIMANSKI, Silvana et al.** *Pesquisa com egressos de Relações Internacionais da UFPel: um olhar comparado com outros estudos do Brasil*. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, 2021. Trabalho de Conclusão de Curso.

**SCHLICHTING, Jorge Luiz Marques et al.** Relações Internacionais: o mercado de trabalho para o internacionalista no Brasil. In: *I Seminário Discente de Ciência Política (SDCP)*, Programa de Pós-Graduação em Ciência Política (PPGCP), Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, 2020.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA.** *Projeto Pedagógico do Curso de Relações Internacionais*. Uberlândia: Instituto de Economia e Relações Internacionais, 2021. Disponível em: <https://ieri.ufu.br/system/files/conteudo/ppc.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2025.

**VIGEVANI, Tullo; THOMÁZ, Laís Forti; LEITE, Lucas Batista.** As Relações Internacionais no Brasil: notas sobre o início de sua institucionalização. *Inter-Relações*, ano 14, n. 40, p. 5–11, 2º semestre 2014. Faculdade Santa Marcelina. ISSN 1980-3702.